

Jean-Pierre Vernant: e seus vários “eus”?

Rômulo Henrique Andrade Silva¹

Quando adentramos no estudo da história antiga nós percebemos a importância que um autor como Jean-Pierre Vernant tem para as pesquisas nessa temática. Sua relevância pode ser percebida se observar os seus diversos trabalhos: *Mito e o pensamento entre Gregos*². *O universo, os Deuses e Os Homens*³. *Mito na sociedade da Grécia Antiga*⁴. *As origens do pensamento entre os Gregos Antigos*⁵. Entre tantos outros.

Diversas obras que tinham a Grécia como objeto de suas pesquisas tendo seus olhos voltados para o intelecto, da sociedade, da religiosidade do homem heleno. Tais escritos trouxeram para nós helenos envolvidos em práticas como casamento, religião, comportamento social e entre outras. Por tais estudos, torna-se indispensável para qualquer currículo de disciplina sobre a sociedade grega antiga se remeter as temáticas trazidas por Jean Pierre Vernant.

Para realizarmos esse artigo sentimos a necessidade de dialogar com autores que se preocupam em estudar a relação de autoria e livro. Ou seja, estaremos discutindo com autores como Michel Foucault, Michel de Certeau, entre outros.

Temos como objetivo aqui apresentar como nos discursos de Jean-Pierre Vernant, ele percorreu lugares teóricos diversos e distintos. Pois suas obras trazem traços de saberes interdisciplinares que dialogaram para a escrita de suas pesquisas. Contudo, não pretendemos separar em “caixas teóricas” as idéias de Vernant. É mais importante observar algumas das características que marcaram a sua escrita.

Nós defendemos a idéia que o autor tem uma multiplicidade de lugares que ele dialoga. O próprio Foucault já falava em sua obra *O que é o Autor?* Como o lugar do autor é complexo, fundamental e elaborado de sociedade para sociedade. Podemos perceber uma imagem desse autor abaixo:

A função do autor está próximo ao sistema jurídico e institucional que encerra, determina, articula o universo dos discursos; não se exerce uniformemente e da mesma maneira sobre todos os discursos, em todas as épocas e em todas as formas de civilização; não se define pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas através de uma série de operações específicas e complexas; (...)

¹ Graduado em Bacharelado em História na UFCG em 2008 e concluinte de licenciatura na mesma universidade.

² (Vernant, op. Cit. 1990).

³ (VERNANT, J.P 2000)

⁴ (VERNANT, J.P 2006)

⁵ (VERNANT, J.P 1996)

Dessa maneira, olhar para Jean-Pierre Vernant deve-se entender um sujeito que também esteve envolvido por seus valores sociais e intelectuais da sua época, além de perceber os vários “Vernants”.

È interessante sabermos um pouco da história de vida de Jean-Pierre Vernant. Assim, ele nasceu em 1914, na França, na cidade de Provins, e faleceu recentemente na cidade de Sèvres, em 7 de janeiro de 2007. Portanto um autor que produziu textos muitos recentes para a historiografia clássica.

È interessante ainda trazermos que Jean Pierre Vernant teve sua formação na França, e conviveu em um dos períodos mais complexos da história humana, vivendo duas grandes guerras, que assolaram a Europa. Além de ter participando da Segunda Guerra Mundial. Isso nos aproxima a o trabalho de Marc Bloch⁶ afirmava “a história serve a ação”, portanto coloca assim um sujeito ativo, ou o historiador ativo, um homem que se vê preocupado com sua época.

Estava inserido dentro das idéias socialista. Tais estão presentes em alguns de seus trabalhos, como o capítulo *Luta de Classes*⁷. Quando o autor discute a relação da luta entre senhores e escravos dentro da Grécia antiga.

Além de fazer parte do CNRS (Centro Nacional de pesquisa Científica), EHESS (Ecole Hautes etudes em science sociales). Instituições como o caráter de desenvolvimento de pesquisas. E locais que ele ajudou a se tornar centros de pesquisas importantes. Tanto é que Naquet mostra a importância de Vernant ao construir “outro pólo de pesquisa, distinto da Sorbonne, se desenvolveu a partir de 1964, de início de maneira informal e depois com o apoio da École des Hautes em sciences Sociales (antiga seção VI do EPHE) e do CNRS, em torno de Jean Pierre Vernant (nascido em 1914)”⁸. De tal forma, que também concordamos com Naquet e consideramos interessantes e necessários o desenvolvimento de nossa pesquisa sobre Jean Pierre Vernant. Pois observamos um historiador que alterou em suas pesquisas sobre a antiguidade, trazendo contribuição para o estudo da mitologia grega e conseqüentemente do seu pensamento.

A partir dele busca estudar esse imaginário antigo utilizando a história, da psicologia histórica, da antropologia e das letras. Portanto, através de olhares multidisciplinares o mito foi estudado e visto por ele. Portanto a partir daí ele estava diante de um universo onde o

⁶ (BLOCH, Marc. 2001:10)

⁷ (VERNANT, JP. 2006: 17)

⁸ (NAQUET, P.V. 2002)

social, o cultural, o político e o religioso estariam se ligando a uma linguagem mítica dos gregos. Além disso, ele fez desse mito um produto e um produtor dos homens antigos.

Seus estudos preocupavam com o social, o cultural, o político, mas dava ênfase maior ao universo espiritual que cercava os homens gregos. Estudos como, por exemplo, *As Origens do pensamento grego*, publicado em 1996, como também *Mito e Pensamento entre os gregos antigos*, publicado pela primeira vez em 1985 no Brasil. Estudos que traziam novidades da forma de compreender os clássicos, o autor não se restringia somente aos estudos das tramas sociais, mas procurar representar o universo espiritual do pensamento do grego. E dentro dessa forma de estudar vê-se a sua preocupação com os estudos da mitologia grega.

Outro fato que chama atenção para a escolha de Vernant é como ele percorreu a época da chamada Escolas dos Annales, se observamos principalmente pela forma que ele escreve suas obras ele foi influenciado de forma direta pelos Annales. De tal forma que Burke, destaca Vernant junto a tal escola. Tanto é que ele afirma que na atualidade, são destacados alguns historiadores da antiguidade, como Jean-Pierre Vernant e Paul Veyne, fundamentam-se na psicologia, na sociologia e na antropologia, visando interpretar a história clássica, de uma maneira muito próxima as idéias de Febvre e Braudel. Vernant é colocado por Burke como preocupado com a história de categorias como o espaço, tempo e a pessoa (Vernant, 1966) ⁹.

Por isso, hoje sentimos que é imprescindível pesquisar as características das obras de Jean-Pierre Vernant, mostrando como ele percorreu entre o lugar de *contador de história e o historiador*. E como esses sentidos se relacionam muito nas suas obras. É necessário deixar claro que nosso trabalho não tem como objetivo defini-lo como mitólogo ou historiador, ao contrario, nosso trabalho tem em mente perceber a inter-relação dessas características em Vernant.

Jean-Pierre Vernant, um contador de História?

O Foucault além de mostrar como o autor está envolvido por traz de uma relação com saberes poderes, de instituições. Coloca também que o autor não ocupa um lugar único, ele está envolvido entre vários “eus”. Pois o autor *não reevia pura e simplesmente para um individuo real, podendo dar lugar a vários “eus” em simultâneo, a varias posições-sujeitos que classes diferentes de indivíduos podem ocupar*¹⁰.

⁹ Esse livro tem como subtítulo um estudo de “psicologia histórica”. Seu autor presta homenagem não a Febvre, mas ao psicólogo I. Meyerson.

¹⁰ (FOUCAULT, M. 1993:33)

Partindo desses vários “eus”, tentaremos localizar alguns dos caminhos possíveis tomados por Jean-Pierre Vernant. Percebendo primeiramente quando ele ocupa o lugar de contador de histórias.

A um quarto de século, quando meu neto era criança e passava férias com minha mulher e comigo, estabeleceu-se entre nós uma regra tão imperiosa quanto o banho as refeições toda a noite, quando chegava a hora de Julien ir para a cama, eu o ouvia me chamar em de seu quarto, quase sempre com impaciência: “Jipe, a historia, a história!” Eu ia me sentar perto dele e lhe contar uma lenda grega. (...) Mas os transmitia de outra forma, de chofre, como me vinham a cabeça, à maneira de um conto de fadas(...) ¹¹

Na citação acima nos permite observar Jean-Pierre Vernant se colocando como um cantador de histórias. Essa aproximação pode ser visualizada quando ele mostra que ao narrar tais narrativas¹². Para isso pretendia as transmitia de forma oral, de uma forma fácil para seu neto compreender.

Tal passagem é relevante, pois nela visualizamos o lugar dado ao contador de histórias, um sujeito com mais experiência de vida que tinha a função social de narrar histórias, fabulas, e o chamado *mito*. Ele narrava essas histórias, pois imaginava como essas narrativas sagradas poderiam ser passadas de geração para outra, fora de qualquer ensino formal oficial, além dos livros. Regras, condutas, pensamentos, histórias que teriam a função da construção social, de ensinar como agir, de como se portar, além de preservar a memória das histórias. O mais importante é que o cantador tem um lugar junto à transmissão oral.

Quando observamos que Jean-Pierre Vernant narra o universo dos gregos nessa sua obra percebemos não apenas a aproximação de um contador de história, mais ainda a o “lugar” de um *logógrafo*¹³.

Essa associação que fazemos Vernant a um logógrafo é justificada pela sua obra *O Universo, Os Deuses, Os Homens*.¹⁴ Nela localizamos a preocupação de contar a origem do universo, de mostrar as origens de deuses e da raça humana. E para executar essa obra é perceptível a fonte influencia da mitologia grega. Pode ser bem explicitado no capítulo a “origem do universo”. Nele Jean-Pierre Vernant expõe como se deu a origem do universo para os gregos:

¹¹ (VERNANT, J.P. 2000: 09).

¹² Histórias que o mesmo pesquisava, interpretava, questionavam, comparava ao longo de sua carreira acadêmica. E dentre esses escritos os mitos faziam parte.

¹³ O Logógrafo segundo Dujovne, quando ele mostra que o *logógrafo* era os antigos pensadores que narravam em suas obras sobre as genealogias dos impérios, contava a história deuses. Suas narrativas envolviam no uso de mito e de fabulas. Um dos grandes destaque foi Hecateu, o mestre de Heródoto. DUJOVNE, León. *La filosofía de la Historia en la antigüedad y en la edad media*, Buenos Aires-AR: Galatea-Nueva visión, 1958.

¹⁴ (VERNANT, J.P. 2000).

No início de tudo, o que primeiro existiu foi o Abismo: os gregos dizem (Khaos). O que é o caos? É o vazio, um vazio escuro que não se distingue nada. Espaço de queda, sem fim vertigem e confusão, sem fim, sem fundo.¹⁵

A partir de mostrar a origem do mundo ele trabalha elencando como o “Khaos” (caos) seria o espaço de desordem, de queda do nada, onde em meio a isso nasceria a Gaia (terra).

Depois apareceu a Terra. Os gregos dizem Gaia, (gaia). Foi no próprio seio do Caos que surgiu a Terra. Portanto, nasceu depois de Caos e representa, em certos aspectos, seu contrário. (...) A Terra possui uma forma distinta, separada, precisa. A confusão e a tenebrosa indistinção de Caos opõem-se a nitidez, a firmeza e a estabilidade de Gaia.¹⁶

Portanto, é nessa relação de alteridade, no encontro do caos caracterizado pela desordem e por Gaia uma possível imagem da ordem que os gregos construíram sua genealogia. É nesse momento de usar o mito que Vernant se aproxima de uma forte relação com um logógrafo, de um contador de histórias.

O narrador Vernant, ao se apropriar dos mitos gregos, ele passa a narrá-los e a preparar gradualmente outra visão sobre os mesmos. Elaborando assim uma memória para eles. É nesse momento que ao organizar seu texto ele produz uma seleção daquilo que vai querer narrar. Ele difere do contador de histórias quando assume o lugar desse contador mais passa utilizar o poder da escrita como o elemento construtor de uma memória.

Quando estamos falando em memória devemos lembrar de que Roger Chartier em seu livro: *Inscriver e apagar*¹⁷, ele mostra a partir do texto de *Dom Quixote* como a escrita está próxima de uma relação de se escrever e apagar. E essa relação elabora a memória:

Em *Dom Quixote*, as palavras nunca estão protegidas dos riscos do desaparecimento os manuscritos interrompem-se, assim como aquele que conta as aventuras do cavaleiro errante, os poemas escritos nas árvores se perdem, os escritos nas páginas dos livros de memória podem se apagar, e a própria memória é falha.¹⁸

A memória é colocada na citação acima por Chartier como algo finita. Onde ele pode ser esquecida e/ou apagada e transformada a partir dos interesses dos sujeitos. Tal forma de mostrar a memória é vista muito próxima a outro autor: Michel de Certeau.

¹⁵ (VERNANT, J.P. 2000: 17).

¹⁶ (VERNANT, J.P. 2000: 17).

¹⁷ (CHARTIER, R. 2007).

¹⁸ (CHARTIER, R. Cit. 2007: 82).

Certeau falava na sua obra *A Invenção do cotidiano*¹⁹ que toda memória é móvel, está passível ao esquecimento e portanto é seletiva, e por fim e não menos importante ela é instável, cada nova leitura permite uma nova memória.

À vista disso, o mito é usado como uma metodologia para Vernant ele constituir sua memória. Podemos observar nele ela sendo elaborada pela ação do autor em selecionar e modificar os mitos gregos. Ele recebe Hesíodo excluído, por exemplo, desse último a linguagem bela, estética e se apropriando da narrativa, e da história. Fazendo assim sua leitura das mitologias gregas. Para tanto ele utiliza de uma narrativa em prosa para conduzir os mitos gregos.

Então é nessa relação de memória, (re)leitura e escrita que os novos textos vão sendo produzidos. Que a memória “vernancista” vai sendo configurada. Mas ele não ocupa esse lugar de contador apenas, ele é um historiador também.

Vernant vai além dessa obra como o contador, e assume o lugar do historiador.

O historiador Jean-Pierre Vernant, um historiador social da cultura

O historiador Vernant também se aproxima no lugar de contador de história, pois ele também narra sua mas seu texto tem um caráter mais científico. Característica essa marcada pelas suas pesquisas no universo sagrado grego, como na própria sociedade grega antiga.

O mais interessante das pesquisas de Vernant é que elas têm uma forte traço multidisciplinar. Diálogos estes abertos, por exemplo, com a literatura clássica por meio das obras dos grandes escritores clássicos como Homero, Hesíodo, Sófocles entre tantos outros; Com diálogos interessantes também com a filosofia clássica e moderna; Ainda tendo fortes traços junto à psicologia, principalmente em interlocuções com Georges Dumézil; na sociologia observa-se a influência de Marcel Granet; e na antropologia Lévi-Strauss.

Portanto, ao observamos obras como *As Origens do Pensamento Grego Antigo*, percebemos como nela Jean-Pierre Vernant se preocupa em mostrar desde a origem dos povos gregos antigos. Ele demonstra como a civilização grega foi constituída desde as invasões micênicas. A partir daí ele desenvolve sua idéia mostrando a estrutura da realeza. Dessa forma ele expõe:

A vida social aparece centralizada em torno do palácio cujo papel é ao mesmo tempo religioso, político, militar, administrativo e econômico. Neste sistema de economia que se denominou palaciana, o rei concentra e unificam

¹⁹ A coisa mais estranha é sem dúvida a mobilidade dessa memória onde os detalhes não são nunca o que são: nem objetos, pois escapam como tais; nem fragmentos, pois oferecem também o conjunto que esquecem; nem totalidades, pois não se bastam; nem estáveis, pois cada lembrança os altera¹⁹(CERTEAU, M. 1994.)

em sua pessoa todos os elementos do poder, todos os aspectos da soberania.
20

Assim ele mostra pelo seu olhar historiográfico como se constitui a estrutura palaciana. O exemplo, disso quando ele mostra acima importância do palácio para a sociedade micênica. Onde ele observa o palácio como um centro de poder religioso, político, militar administrativo e econômico. Isso mostra como para ele tudo teria que passar pelos olhos do controle do estado. De tal forma ele destaca o palácio que passa a constituir uma imagem com a realeza micênica como sendo uma realeza burocrática²¹.

Nesse mesmo livro, se observamos o palácio como um lugar importante, nele se observa o rei que vai apresentando como sendo símbolo do poder em todas as suas esferas (político, religioso, militar)²². Assim, podemos perceber a importância desse seu olhar para com as instituições gregas. Pois fica possível imaginar os valores da sociedade, por traz das relações nessa sociedade.

Outra obra onde se percebe a ação do historiador é em *Mito na sociedade da Grécia Antiga*. Nessa obra, percebemos como ele caminha de temas como luta de classes, a guerra, o casamento, a religião, entre tantos outros, notamos um olhar sobre uma história social e cultural.

Nesse livro percebemos a discussão que ele faz com as lutas de classes, ou seja, com uma preocupação das tramas sociais. Para isso, ele mostra a partir da relação entre as pessoas e a propriedade. Segundo Vernant:

(...) de um lado uma propriedade familiar, pertencente a uma casa, um *oiko*, e não a indivíduos, não tendo estes últimos o direito de dispor a bel-prazer desses *patroa* cede-los fora da família, vendendo livremente a um comprador.²³

Vemos ai que a partir da relação com a propriedade (*patroa*), que se desenvolve a visão de Vernant. É interessante que no decorrer desse artigo o autor faz uma aproximação as leituras de Marx.

As leituras de Marx são de tais formas fundamentais para ele que nota-se quando ele destaca o caminho para se estudar a antiguidade clássica baseada na influencia marxista. Para realizar esse caminho o historiador marxista ou não-marxista deve definir as contradições da antiguidade, além situá-la no contexto da Grécia antiga.

²⁰ (VERNANT, J.P.1996)

²¹ (VERNANT, J. P 1996: 16)

²² (VERNANT, J. P 1996: 19).

²³ (VERNANT, J.P 2006: 10).

A partir de um olhar “certoniano” podemos observar a presença da idéia do não-dito no trabalho acima destacado. O não-dito afirmava que toda leitura histórica está sujeito de um sistema de referencias, que este sistema conserva uma filosofia implícita particular; que interage com o trabalho de análise, organizando-o à sua interpretação, que conduz a elaboração da subjetividade do autor.²⁴

Por outro lado, observamos também como aspectos mais culturais são estudados, exemplo do casamento. Pois o autor justifica sua escolha dizendo que é nas práticas matrimônias que se podem identificar as transformações democráticas ocorridas nas cidades gregas antigas²⁵.

Da união de um homem e de uma mulher , a *engue* faz um ato social que supera a pessoa dos dois indivíduos em questão para engajar, através deles, dois lares, duas casas. A *engue* os liga um ao outro por um acordo recíproco, público e solene, selado em presença de testemunhas que podem avalizar o ato²⁶.

Além dessa proposta de observar a relação democrática do casamento, ele traz a nós reflexões fundamentais a partir de dois grupos de mulheres, da esposa legítima e as concubinas.

Em outra obra sua intitulada: *Mito e Pensamento entre os gregos*²⁷, nós percebemos como ele se aproxima muito mais a um texto filosófico, onde se propõe a discutir mito, mais ainda relacionado com a literatura, com a sociologia e com a matemática. Englobando como a intelectualidade helena era construída a partir de relações do mito, a relação da mitologia e da memória, a organização dos espaços, a relação do trabalho e o pensamento técnico, a relação da imagem dupla do morto, a representação do homem grego dentro da religião grega e, a discussão do mito e da razão.

Para que Vernant discuta como o mito produz o pensamento grego, partindo de um conjunto de histórias para os gregos, ele elabora sua análise a partir da discussão das obras de Hesíodo. Assim, ele observa como os gregos contavam as histórias antigas, narrativas que mostravam a relação de deuses e mortais, discutindo a relação do mito das raças – raças que mostravam a decadência da vida humana. Porque se na primeira raça, a de ouro, o homem partilhava do mesmo ambiente com os deuses em um momento de felicidade ampla, na última raça o homem está destinado aos maus da vida humana, seja a doença, a morte ou a velhice.

²⁴ (CERTEAU, M . 1982).

²⁵ (VERNANT, J.P. 2006: 48).

²⁶ (VERNANT, J.P. 2006: 48).

²⁷ (VERNANT. J.P.1990: 80)

A partir dessa vontade de discutir o mito, percebe-se como ele produz a lógica da memória, da noção de tempo e como cada noção é explicada para os homens antigos. Nessa associação do mito com esses dos fatores, vê-se como os gregos elaboram o conceito de esquecimento como sendo de morte. Portanto, o mito produziria uma vida para os homens antigos.

Assim, partindo das representações, procuraremos ver Jean-Pierre Vernant construindo imagens para os gregos, como por exemplo, a forma com que o mesmo analisa os deuses Héstia e Hermes²⁸. Tais representações imagéticas são vistas sendo intercaladas como símbolos de um casamento, onde Hermes era colocado como o homem e Hestia, a mulher. Uma relação construída entre a lógica do movimento localizado para Hermes. O Homem deveria buscar a mulher fora de sua casa, entrando, então, Hestia como um ponto fixo, sendo procurada pelo o homem.

No terceiro momento percebemos como o autor se propôs fazer uma pesquisa interdisciplinar quando olha para a geometria e para a astronomia esférica na primeira cosmologia grega. Um debate em que o autor propõe a estudar a história do pensamento grego. Essa sua análise tem relevância por aproximar ciências distintas como a história com a matemática. Além de permitir perceber ou parcialmente imaginar como era a visão da geometria grega. O mais interessante é que ele observa como tais saberes foram fundamentais e chegaram a outras sociedades, como a babilônia. Como exemplo, na religião babilônica quando observamos a aproximação do deus Istar para a deusa grega Afrodite(Venus). Mas essa aproximação entre as duas divindades só existia quando se comparava a posição astronômica que ambas tinham no céu.

Em outro capítulo do livro, o autor se propõe a estudar como mito de prometeu ajuda a na reflexão do trabalho e do pensamento técnico. O autor se coloca disposto a refletir como mito de prometeu teria a relevância de pensar a existência de saberes técnicos como as artes do fogo, metalurgia e a cerâmica. É interessante que o autor utiliza como fontes os discursos de Diodoro, quando esse foi o primeiro a classificar Prometeu como sendo o construtor de uma idéia de domínio das artes do fogo. Esse momento do livro torna-se ainda mais interessante porque notamos Vernant fazendo uma junção de algumas divindades gregas como Atena, Hefesto, Prometeu a funções sociais, como o artesanato.

Nesses diversos temas abordados pelo o autor em seu livro, percebemos como ele observava o homem grego envolvido e construtor da esfera religiosa. E como o homem mesmo

²⁸ (VERNANT, J.P. 1990: 189).

criador dessas diversas práticas seria também um produto delas. Isso pode ser exemplificado quando o autor falava de mais um elemento da cultura grega: o *kolossós*. Era um modelo de estatua, que constituída de pedra, de argila, madeira, que era utilizada para representar o corpo perdido de um morto²⁹. Portanto, ele passa unir a relação entre os vivos e os mortos. Pois sem o *kolossós* a alma humana iria ficar transitando pelo mundo dos vivos. O *Kolóssos* era usado como um elemento que iria ser colocado simbolizar o morto na tumba. É nesse momento que a imagem esculpida de madeira vinha a simbolizar uma figura ausente.

É interessante pensar que por trás do conceito de *Kolóssos* e da forma que ele é abordado por Vernant, pode-se notar uma aproximação ao conceito de representação para Chartier.³⁰ Esse conceito mostrava como um símbolo poderia representar algo ausente mais também caracterizar a presença. Isso pode ser explicado pelo o valor simbólico do *Kolóssos*, quando ele representava o corpo perdido. Ao mesmo tempo, quando se entrava no cemitério grego ia se localizar diversos *kolóssos* ali espalhados, aquilo nos apresentaria também como o *Kolóssos* como símbolo da morte presente no cemitério.

É notável perceber como Jean-Pierre Vernant dialoga com diversas áreas das ciências humanas, como lingüística, sociologia, antropologia e a própria história. Caminhos teóricos diferentes pelos quais ele mostra uma forma de ler os clássicos e ampliar os trabalhos nessa temática. Mostrando a riqueza cultural, intelectual, entre outras características das sociedades antigas. Portanto, ao olharmos para Vernant acreditamos que ele é um autor que apresenta para nós vários caminhos entre tantos possíveis de se estudar os estudos antigos, por isso é tão fundamental conhecer o autor e seus escritos.

²⁹ (VERNANT, J. P, 1990: 381)

³⁰ (CHARTIER, Roger. 1990) Chartier tinha em mente estudar como algumas práticas passavam a simbolizar as ações dos grupos. Partindo de três bases: representação, apropriação e ausência. Ele observava que as sociedades elaboravam valores objetos, indivíduos, poderes, e instituições. Dessa forma ele via como certos elementos podiam ser simbolizados por objetos, como é o caso da realeza ser simbolizada pela coroa, pelo castelo entre outros. A partir daí Chartier percebe que os símbolos podiam caracterizar elementos culturais que estivessem ausentes. Exemplo disso, é o significado do sacerdote, pois ele nos remete a imagem de um representante divino entre os mortais, ou o poder da religião. Mais também ele percebeu que os grupos podiam estar presentes, porém eles teriam que utilizar de alguns signos culturais para se caracterizar, como por exemplo, para um juiz exercer sua função devia estar vestido como os trajes dos mesmos. Da mesma forma ele percebeu que certos elementos tanto poderiam caracterizar algo ausente como presente. A partir daí chegamos a nosso olhar sobre as imagens de Vernant.

Referencias Bibliográficas

- BLOCH, Marc. *Apologia da História, Ou Ofício do historiador*. Rio de Janeiro Jorge Zahar Editora – 2001. Pág. 10.
- CERTEAU, Michel de. *Operação historiográfica*. In: A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*, trad.: Ephraim Ferreira Alves Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. Inscrever e Apagar: cultura escrita e literatura séculos XI – XVIII. Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo - Editora UNESP. 2007.
- CHARTIER, Roger. Introdução. In: *A história cultural: entre práticas e representações*. Trad.: Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990
- DUJOVNE, León. *La filosofía de la Historia en la antigüedad y en la edad media*, Buenos Aires-AR: Galatea-Nueva visión, 1958.
- FOUCAULT, Michel. O que é o autor? Editora, paisagens. P.33.
- NAQUET, P.V. Os gregos, Os Historiadores e a Democracia. São Paulo: Companhia das Letras. 2002
- VERNANT, Jean Pierre. *O universo, os deuses e os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000
- VERNANT, Jean Pierre. *Mito e sociedade na Grécia antiga*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2006.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Trad.: Isis Borges B. Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- VERNANT, J. P. **Mito e pensamento entre os gregos**. Tradução de Haiganuch Sarain 2 edição. Editora paz e terra-Rio de janeiro, 1990. Pág. 381